

# O divã

## Berço da identidade analítica a partir da experiência emocional do analista

Patricia dos Santos Coppola,<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho buscou, por meio de uma autoinvestigação, escrutinar a construção da identidade do analista em formação, a qual se constitui no ambiente privado e íntimo – no divã de seu próprio analista. É frutífero pensar nas responsabilidades e na ética que circundam a prática psicanalítica tendo como ponto de partida o tripé da formação: análise didática, seminários teóricos/clínicos e supervisão didática.

**Palavras-chave:** Bion, psicanálise, formação psicanalítica, história da psicanálise, tripé

*Autopsicografia*  
O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

*E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.*

(Fernando Pessoa, 2007, p. 131)

1 Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

## Introdução

Ao ler a carta-convite do *Jornal de Psicanálise* “O analista em formação: da intimidade do privado à expressão no público”, deparei com questões que venho pensando nesse percurso da formação: a construção da identidade analítica. Na ocasião, havia terminado de escrever meu primeiro relatório e, como “rito de passagem”, o havia apresentado em uma reunião científica. Lembro-me de que, ao iniciar a escrita desse relatório surgiram alguns questionamentos: como escrever sem expor-me e ao analisando? Seria possível pôr em palavras a experiência emocional? Seria possível a não exposição? Ao iniciar a escrita desse momento singular da formação – o relatório –, percebi que não seria tarefa fácil, pois várias nuances íntimas vividas pela dupla teriam que ser *desnudadas*. Eu teria que me despir e publicar minhas elaborações e elucubrações a partir do *Com-tato-íntimo*: com a minha companheira de jornada – a analisanda –, com meu supervisor, e comigo mesma, pois comprehendo que o propósito dessa parte da formação é comunicar aos colegas minhas apreensões do ser analista em contínua formação – um ir-sendo, na formação.

Enquanto escrevo as ressonâncias desse processo iniciado, mas que considero não ter fim, surgiu-me o poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa (2007), que revela a identidade de um poeta e aborda o processo de escrever um poema. Pessoa articula, de maneira narrável, o inarrável e põe em relevo os paradoxos da experiência humana, de forma poética. Ao retratar o poeta como um “fingidor”, oferece o autêntico da poesia e reafirma seu valor imensurável como artefato para explorar e expressar as complexidades da condição humana. Seguindo as ideias do poeta, considerei que escrever trabalhos científicos e relatórios e publicar os próprios pensamentos seria, também, uma autopsicografia? Uma autopoiese? Penso que saímos de uma *Com-vivência-íntima* para uma *Com-vivência-pública*. Saímos do palco da intimidade do consultório de nosso analista, para o de nosso consultório, e seguimos para o tablado compartilhado, rumo à publicação.

No dicionário online de português *Dicio* (<https://www.dicio.com.br>) “autopsicografia” é a descrição psicológica que uma pessoa faz de si própria. É formada pela junção do prefixo “auto-” com a palavra “psicografia”. “Auto” vem do grego *autós*, que significa “o próprio” e “psicografia” vem de “psico-” e “grafia”. Portanto, o termo “auto” é usado para nos referirmos a nós mesmos, transmitindo a noção de si próprio. Arruda (2019, p. 95) diz que o vocábulo “fingir” vem do latim  *fingere* e denota “modelar na argila, esculpir, reproduzir os traços de, representar, imaginar, inventar”. No senso comum, o conceito do “fingidor” costuma ter um significado pejorativo, porém, nos versos de Fernando Pessoa, podemos conjecturar a noção de que o fingimento é um instrumento da criação literária?

Nessa linha de raciocínio, seria um ato de transformação, de co-criação, o caminho da formação analítica? O processo analítico, nosso trabalho, não estaria dentro desse ateliê de auto-criações entre a dupla analítica? O analista viabiliza ao analisando o contato com sua realidade psíquica no aqui-agora da sessão e nesse fenômeno podem ocorrer processos transformadores tanto para o analisando, quanto para o Ser/Tornar-analista. Portanto, na construção de uma identidade analítica em ir-sendo-analista, experimentamos o divã, vivenciamos a nossa intimidade *dentro* do nosso processo analítico para, depois, estarmos *fora*, com nossos analisandos, passando para eles a oportunidade de deitarem-se no divã. Esse processo representa a construção de um dentro/interno e fora/externo.

Seria uma autopoiese? Scappaticci (2018), em seu artigo “A autobiografia de Wilfred Bion: psicanálise, uma atividade autobiográfica”, pontua suas impressões ao estudar a autobiografia de Bion, de seu livro *The long weekend*. De forma poética, a autora faz um elo com a função do analista, ao dizer que a busca pela psicanálise torna-se, do ponto de vista do analista e da dupla analista/analisando, uma experiência autobiográfica, autopoética, de autocriação e autocriatividade:

Afinal, a autobiografia é uma transcrição de uma realidade interior, do psíquico, sobre a qual nunca se tem conhecimento direto e completo. Algo original presente desde sempre, a infância, a juventude, que o

poeta recupera. Seria como a fonte, a matriz – e, de fato, é para todos nós – da sua/da nossa metapsicologia. (Scappaticci, 2018, p. 230)

Freud, em seu texto “Um estudo autobiográfico”, esclarece: “Cabem ainda algumas palavras sobre o destino da psicanálise nesta última década. Já não há dúvida de que prosseguirá existindo ... deixa a satisfatória impressão de um trabalho científico sério e de alto nível” (Freud, 1923/2011, pp. 166-167). E, a partir do reconhecimento da psicanálise enquanto ciência e possibilidade de trabalho, ainda diz: “A preparação para a atividade analítica não é simples e fácil, o trabalho é duro e a responsabilidade é grande” (Freud, 1926/2014, p. 187).

Em 1909, Freud, preocupado com o futuro da psicanálise, considerou o quanto a análise pessoal se torna estruturante para o trabalho analítico: “notamos que cada psicanalista consegue ir apenas até onde permitem seus próprios complexos e resistências internas, e por isso exigimos que ele dê início à sua atividade com uma autoanálise” (Freud, 1909/2013, p. 293).

O nosso aparelho psíquico, conectado com a nossa maneira de ser, é o material consubstancial e contundente em que a teoria e a técnica psicanalítica podem se fazer presentes, dentro da sala de análise. Nessa perspectiva, proposta por Bion (1965/2004; 1970/2006), as teorias não estão em relevo, e sim como pano de fundo, e o que aparece, em primeiro plano, como possibilidade de trabalho, configura a mola motriz da análise e encontra-se na busca do ser do analisando.

Nesse sentido, considero que o *locus* do ser analista está no “entre”. Para desenvolver este pensamento, vou recorrer a uma ilustração poética de Clarice Lispector (2020), na sua obra *Água viva* (uma prosa marcada por uma escrita mais intimista, que trata de temas e dilemas humanos e existenciais a partir de seus personagens e enredos, muitas vezes se confundindo autor, narrador e personagem, no desenvolver da narrativa): “E se eu digo ‘eu’ é porque não ouso dizer ‘tu’, ou ‘nós’ ou ‘uma pessoa’. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando, mas sou o és-tu” (Lispector, 2020, p. 10).

SER algo, só é possível, enquanto se É, Ir-Sendo. Penso que se É no lugar do “entre”, o “és-tu”, e assim construímos nossa identidade analítica “entre” a dupla: analista-analisando, analista-supervisor, analista-instituição, analista-cultura... Nesse viés, é no “entre”, no hífen “és-tu”, que co-criamos o novo, um tocar piano a quatro mãos, pois entre os dois pianistas são necessários: um vínculo, um ritmo, uma comunicação e uma relação. Logo, são necessários também: a introjeção dos três pontos que alicerçam a prática (o estudo, a análise pessoal e a supervisão dos atendimentos) e muito comprometimento com a ética psicanalítica e com minha alma/essência.

Esse entrelaçamento “entre” o pessoal-profissional e o privado-público remete-nos ao que o filósofo francês Edgar Morin – cujas ideias trarei para ajudar-nos a pensar os *entres* – chamou de “complexidade” (Morin, 2006). A autobiografia intelectual de Morin (1993) é apresentada no seu livro *Meus demônios* como um entrelaço de sua vida profissional e pessoal, uma vez que, para ele, a vida de experiências é inseparável da intelectual. Uma vida em constante movimento, cheia de antagonismos e de aproximações, entrecortada por ciclos de travessias de desertos e de oásis. Ou seja, para Morin (2008, citado por Petraglia, 2021), na complexidade “tudo se liga a tudo”. Como o próprio autor afirma, em outra obra, *Ciência com consciência* (2008): “A ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar”. Em vista disso, o ser humano é complexo, pois concentra múltiplas perspectivas: é um ser de sabedoria e de loucura, e também social, econômico, político e psicológico. Portanto, as relações “entre” analista-analisando, “entre” analista-supervisor, “entre” analista-instituição, “entre” a pessoa do analista-Ser/Tornar-analista é um jogo de dentro-fora e de fora-dentro.

Gabbard e Ogden (2009), em “Sobre tornar-se um psicanalista”, discorrem a respeito da importância de se tornar “quem você realmente é”, pois o analista terá a oportunidade e a responsabilidade, a partir do seu treinamento analítico, de *ir-sendo*. O gerúndio fala de uma ação que continua, já que esse profissional poderá, pela gentileza de seus clientes em retornarem no dia seguinte, ir amadurecendo, trabalhando a força de seu aparelho psíquico e encontrando

sua própria assinatura. Esse amadurecimento diz tanto do analista quanto da pessoa do analista.

## **Rito de passagem: a escrita e a apresentação do primeiro relatório**

Objetivando relatar minha experiência, usando como mote o percurso inicial de um trabalho analítico, iniciarei contando o meu trajeto enquanto analista em formação e o “rito de passagem”, a escrita do meu primeiro relatório e a apresentação em um seminário clínico. Tentarei pôr nestas linhas que se seguem minha maneira de trabalhar, considerando que escrever o primeiro relatório seja o início e uma possibilidade preciosa de publicar meus pensamentos e questionamentos do Ser-analista.

Pôr em palavras a experiência emocional se torna um tanto difícil, quase impossível, pois existem transformações na narrativa. A sessão ocorre em um tempo/espaço presente/atemporal, e os movimentos e os fenômenos aparecem e desaparecem sem uma organização. Já a escrita precisa ser organizada para ser compreendida e para esclarecer uma ideia, um pensamento ou uma vivência. Nessa tentativa, percebo que as palavras não alcançam a tal experiência, ou seja, o estar no aqui e agora do encontro. Portanto, tentarei, de forma viva, transcrever minhas experiências, impressões e conclusões clínicas, pegando emprestadas as palavras de Ogden (2013), “a linguagem não é simplesmente um pacote em que se embrulham as comunicações, mas o meio pelo qual se traz a vivência à vida no processo de ser dita ou escrita” (p. 183).

## **O encontro**

Sílvia,<sup>2</sup> cujas sessões foram presenciais e online, chegou a mim por meio do serviço de atendimento de alta frequência (SAAF) da SBPSP. Essa proposta de trabalho, denominada Serviço de Atendimento de

2 Nome fictício.

Alta Frequência, foi idealizada e implementada por Virginia Bicudo, na década de 1960. O modelo a ser trabalhado constaria de quatro sessões semanais, porém, com o passar dos anos, essa frequência foi diminuindo, no serviço, sob a argumentação de que não havia interesse por parte dos pacientes. Na gestão de Carmen Mion e Marta Foster, ressurgiu a possibilidade de reativar o modelo de alta frequência. Ana Clara Gavião e Tatiana Bitelman aceitaram o convite e passaram a coordenar a Clínica-Escola, pois fizeram uma pesquisa investigativa com base nos formulários de inscrição e concluíram que houve alta porcentagem de pacientes interessados nas quatro sessões semanais. Considero relevante citar e explicar o serviço, tendo em vista a possibilidade de oferecer aos analistas em formação e à sociedade de baixa renda o acesso a uma análise profunda e uma imersão ao método psicanalítico.

Sobre o meu relatório, considero dois momentos importantes do trabalho com Sílvia. Um primeiro, no qual fomos construindo juntas uma possibilidade de trabalho analítico, pois, no início, vivemos tempos difíceis, e ela precisou do seu tempo para entrar no processo analítico, e eu, como analista, também fui concebendo um estilo próprio.

No que eu chamo de um segundo momento, considero ter ocorrido uma Cesura (Bion, 1975/1981), tanto para mim-analista quanto para a analisanda. Concluí que o número de sessões influenciou nesse processo e creio que o acréscimo da quarta sessão, pode ter sido o ponto de mutação, a porta para essa “Cesura” (Bion, 1975/1981). Juntas, analista/analisanda, construímos uma intimidade e nos aproximamos daquilo que penso ser um trabalho analítico, pois “contamos com o tempo do sonhar a dois”, uma frase que Cassorla (2016, p. 40) gostava muito de utilizar.

## Primeiro momento

Com relação ao primeiro momento do relatório, tentarei pôr em pauta o possível funcionamento psíquico da analisanda. Utilizando uma passagem bíblica para expressar o início dos atendimentos,

“e eles se tornarão uma só carne” (Bíblia Sagrada (s.d.), Gênesis, 1:27; 2:24-25), ouso acrescentar: viveríamos uma só mente para, depois, quem sabe, possibilitar um nascimento psíquico. Na vivência de Sílvia, não havia interrupção entre uma sessão e outra. Minha mente era uma extensão da dela. O clima emocional foi de muita tensão, pois estávamos caminhando em um campo minado. As minhas observações eram vividas pela analisanda como bombas que iriam atingi-la e destruí-la e, por isso, se defendia em suas verdades absolutas. Seus pensamentos eram a realidade – transformação em alucinose (Bion, 1965/2004) –, os vínculos predominantes eram -K, -H e -L. A paciente se apresentava repleta de certezas, sem dúvidas. Nesse cenário, a palavra não distingue o objeto: nesse estado de mente, a analisanda criava o mundo à sua semelhança. O seio é alucinado por não suportar a falta, ou seja, a frustração.

A paciente utilizava a sessão para me comunicar sua vivência de não separabilidade do objeto. O funcionamento psíquico de Sílvia parecia não suportar a frustração, e, consequentemente, havia ali uma capacidade limitada para a simbolização. Eu tinha que estar ali, viva, para conter e para acolher partes indesejadas ou valorosas do seu self, ou seja, desenvolver minha capacidade de continência. Penso que essa evacuação sinalizava uma esperança – uma comunicação, um pedido de socorro. Eu tinha Fé (Bion, 1970/2006) no método psicanalítico (Freud, 1912/2010b), e Sílvia, Esperança: pré-concepção do seio (Bion, 1962/2021). Eu/analista iria receber, trabalhar e metabolizar elementos concretos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , possíveis para sonhar.

Eu me percebia fazendo malabarismos com as minhas intervenções. Em vários momentos, recorri a uma comunicação “como se fosse uma brincadeira”, na tentativa de “afrouxar” seu estado mental persecutório. A analisanda entrava na experiência, mas não parecia conseguir suportar a percepção de uma outra pessoa. O diferente a assustava. Percebia em Sílvia um superego muito violento. Foi necessário, primeiramente, sonhar o sonho de Sílvia. Na sua percepção, eu – analista – não me importava com sua narrativa. A reverie me ajudou a tirar a toxicidade das verdades absolutas (defesa contra o desamparo), e foi possível trabalhar o superego cruel.

## Uma investigação

O que vem a ser a experiência emocional? Seria ela o útero para o nascimento de um psiquismo? Fui tomada por esses questionamentos em um período dos atendimentos. Na ocasião, fiquei bastante reflexiva e conversei com meu supervisor sobre essas inquietações, acreditando que teria respostas prontas. Ao contrário disso, durante o nosso diálogo, as observações feitas por ele e os exemplos que me deu geraram mais indagações. Indicou-me, então, um texto de Franco Filho (2018) e uma publicação na qual a SBPSP havia compilado vários trabalhos de colegas versando sobre o tema: “Afinal, o que é experiência emocional em psicanálise?” (Rezze; Marra & Petricciani, 2012). Propus-me a investigar e a compreender o que seria essa tal experiência. Já estava cansada e um pouco confusa em relação a tantas leituras e percebi que ainda não havia compreendido o conceito. Levei essa questão para minha análise e fui surpreendida quando meu analista disse: “Isso que estamos vivendo é uma experiência emocional”. Fiquei estarrecida com sua comunicação e me dei conta de que a base não estava na compreensão cognitiva. Nesse momento, tive uma vivência at-one-ment relacionada à experiência emocional, ou seja, pudemos postular um “O” comum da dupla. Ainda não consigo pôr em palavras o que vivi, só sei dizer que vivi. Sentir ou tornar-se “O”. “Para ser capaz de assim fazer, é essencial para o analista ter experimentado uma T(O) [transformação em O]” (Vermote, 2019, p. 146). Considero importante relatar esse depoimento, para pôr em cena a importância da formação em seu tripé: supervisão, seminários clínicos/teóricos e a análise pessoal.

Percebo que é dentro desse processo que consigo estabelecer uma relação viva com Sílvia. A experiência emocional é a base do desenvolvimento psíquico, pois possibilita a condição de pensar e é uma forma de contato com a realidade. Essas experiências vividas na formação ganham contornos e formas, possibilitando-me introjetar/encarnar o Ser/Tornar analista. “O hiato entre conhecer fenômenos e ir sendo realidade assemelha-se ao hiato entre conhecer sobre psicanálise e ir sendo psicanalizado” (Bion, 1965/2004, p. 163).

Vermote (2019), analisando o vértice de “O”, a partir das contribuições de Bion em *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (1965/2004), faz algumas ponderações sobre a responsabilidade do analista, dentro do campo psicanalítico, e pontua que o “O” da dupla fica aos cuidados do analista, para investigar os meios de acesso e não acesso, no processo de experimentar ou tornar-se “O”. “o analista deve estar em contato com O e não deve permitir-se cegar-se pela razão e pela aparência sensorial do paciente” (Vermote, 2019, p. 146). Um outro ponto do artigo que considero relevante diz respeito ao analista e ao paciente serem eles mesmos. Para o analista, ser ele mesmo é algo peculiar por estar na experiência e em contato com “O”. Durante a formação, existe um grande risco de o analista que passa pelo processo ficar identificado com o seu analista, o seu supervisor e com as teorias psicanalíticas, perdendo-se de si mesmo.

## Segundo momento

Vou relatar o fragmento de uma sessão, após a qual recorri à escrita na tentativa de descrever (um sentir e viver juntas o “entre” analista/analisanda) registros da experiência, em que as minhas vivências ficaram em intersecção com as de Sílvia (“O” comum da dupla), at-one-ment, e conjecturo que os vínculos de conhecimento (K) e de amor (L) favoreceram tal experiência.

Enquanto esperava pela chegada de Sílvia, alguns pensamentos-sonhos foram surgindo. Lembrei-me de uma apresentação da colega Bernadete Assis (2023), “O isso no eu: parangolés na cena analítica”, a qual ocorreu em grupo de estudos e relatou, de forma rica, sua experiência clínica. Na contramão dessa apresentação, minha memória-sonho-intuição me conduziu a uma pergunta, surgida durante aquela exposição: um outro participante quis saber o que aconteceu com a analisanda, depois do atendimento descrito, ou algo parecido. Bernadete, então, comentou que deveria escrever “Parangolés II”, pois a analisanda, provavelmente, não suportou a intimidade ali experimentada e encerrou o trabalho analítico. Com essa lembrança, o

sentimento sobre Sílvia sair e ir embora surgiu, novamente, na cena analítica, porém, o considerei com outra qualidade psíquica. Percebi que o medo não dominava, e o pensamento foi contido, ficou dentro. Eu o acolhi, refleti: *bom... Vamos aguardar e ver o lugar que terá essa vivência, a qual foi vivida na ausência de Sílvia... O que estaria por vir?!*...

Sílvia entrou, cumprimentou-me e se deitou no divã. Fiquei aguardando-a e, ao mesmo tempo, tentando sentir o clima emocional. Percebi que seu silêncio e sua fisionomia demonstravam uma certa tristeza. Começou a relatar sobre questões corriqueiras, do final de semana, e notei que seus sentimentos não estavam dentro da narrativa. Nesse momento, a experiência vivida por mim, no início da sessão, e o pensamento sobre possibilidades de rupturas surgiram novamente. Tentei refletir sobre os fragmentos emocionais revelados em nosso encontro, desde o início até aquele momento. Algo se manifestou em minha mente: a fragmentação ganhou uma integração. Então, resolvi comunicar para Sílvia a percepção de que havia uma distância – algo estava rompido – entre sua narrativa e seus sentimentos. Ela suspirou profundamente e começou a relatar sobre seu medo em pensar na possibilidade de interromper as sessões por questões financeiras e prosseguimos, conversando sobre suas dificuldades econômicas e a necessidade de esconder seus gastos. Isso foi possível graças à vivência da experiência emocional, a partir do “entre” da relação analista-analisanda, o que permitiu um encontro autêntico entre a dupla. Sílvia conseguiu verbalizar sua dor e seu temor de perder a possibilidade de estar em processo analítico.

Procurei fazer um exercício de apreensão da teoria de Bion, que tem sido muito útil no meu dia a dia, com os meus analisandos. Tentei também seguir um caminho por meio dos grupos de transformações que, da minha ótica, reuniram um padrão de elementos, ou seja, observei os elementos invariantes, durante o movimento da sessão. Braga (2024), em um trabalho apresentado na SBPSP, relatou que, em sua prática clínica, pode ocorrer, com frequência, a superposição de grupos de transformações pertencentes ao mesmo

ciclo. Portanto, cabe ao analista lançar luz à transformação (Bion, 1965/2004) prevalente.

### **Um pensamento, uma conclusão: a Cesura**

Conjecturo que os tempos mudaram, e o acréscimo da quarta sessão foi um ponto nevrálgico do meu trabalho analítico. Considero que, dentro de mim, ocorreram modificações profundas com relação à minha postura analítica. Nesse tempo de análise, consegui estar de forma mais livre. Com essa postura analítica, penso ter fornecido para Sílvia uma estrutura não verbal de significados para a experiência, e a quarta sessão não entrou apenas somando um número, pois, do meu ponto de vista, houve uma mudança da qualidade da experiência emocional, “entre” nós duas. Esse “entre” ... representa a Cesura de uma nova analista e de uma nova possibilidade de contato com a analisanda. Comecei a sonhar mais, minha intuição ficou aflorada e, com Fé (Bion, 1970/2006), arremessei-me na vivência e pudemos transformar terrores em sonhos, impossibilidades em possibilidades, certezas em dúvidas...

Estou convencida de que todo esse movimento interno das emoções foi necessário para eu refletir e criar um espaço interno para mais uma sessão. Primeiro, é preciso habitar dentro, abrir caminhos, remover os obstáculos que nos bloqueiam o pensamento. Percebia-me mais receptiva, e, a cada dia, estava nascendo uma nova analista para Sílvia, pois a intimidade e a conexão surgiam como possibilidade de contato com a realidade, uma ponte para o *Com-tato-psíquico*.

### **Transformações: do *Com-tato-psíquico* para uma *Com-vivência-íntima***

Suponho que estejamos vivendo um outro tempo: o de análise, pois Sílvia entrou no processo analítico. Portanto, os encontros têm outra qualidade psíquica, têm criatividade, e houve uma diminuição na tensão da persecutoriedade. Pudemos contar com o tempo

do silêncio, o de pensar e o de poder sonhar e sermos criativas. A relação ficou mais íntima, pois, a partir do *Com-tato-psíquico*, fomos para uma *Com-vivência-íntima*. Vivemos momentos de turbulências, de cesuras, e postulo que ainda há muito a ser vivido. Meu palpite é que estejamos apenas no início. Dessa forma, as sessões têm sido experiências de descobertas para mim, analista, e teorizo, para Sílvia. Estamos construindo uma ponte que conecta as duas almas, as duas mentes. Essa conexão permite trânsito livre das emoções, as quais são ingredientes para pensar.

A especificidade de nosso trabalho se dá pelo encontro analítico entre duas almas. Um lugar sagrado em que a experiência da intimidade é vivida de forma singular e as situações extraordinárias podem acontecer. Ter uma pessoa – analista – disponível, envolvida, preocupada com o contato emocional e tentando não perder a função analítica por 50 minutos é um desafio do método psicanalítico. Portanto, essa postura nos convoca para uma responsabilidade ética de viver experiências juntos-ao-lado dos nossos analisandos.

Tentamos oferecer uma comunicação que possa ser útil para nosso companheiro de jornada, possibilitando aprender, desenvolver e/ou ampliar o pensar e entrar em contato com seu próprio funcionamento psíquico. Adentrar dimensões desconhecidas, não habitadas, uma atitude que nos põe dentro de um paradoxo: “neutralidade” versus “não passividade”. Do ponto de vista da neutralidade, seria não interferir na subjetividade da analisanda, e o que estou dizendo pode parecer óbvio, mas o exercício desse óbvio não é tarefa fácil. É necessário estar conectado com o próprio Ser do analista para conseguir discriminar uma conversa social de uma analítica.

No contraponto, estar receptivo às emanações psíquicas do paciente é algo ativo, pois a presença emocional do analista entra na cena analítica. Portanto, realizamos um pacto com a realidade psíquica, já que a verdade alimenta a alma, ao criar um vínculo humano de respeito, de responsabilidade e de comprometimento com a ética psicanalítica. Em consonância, Meltzer (2017) diz: “É nesse nível da realidade psíquica que a beleza é verdade, a verdadeira beleza” (p. 84). Um estado de contemplação:

A apreensão do belo – é uma resposta inata à beleza do mundo, que é uma resposta estética, contém uma integração de todos estes três vínculos positivos L, H, K, mas que a dor da ambivalência, combinada à necessidade de tolerar incerteza, torna muito difícil de manter esses vínculos juntos. (Meltzer, 2017, p. 82)

Nesse interim, o campo analítico foi ampliado e, considerando Bion, houve uma expansão para um *Com-tato-psíquico*: “a interpretação precisa fazer mais do que ampliar conhecimento” (Bion, 1965/2004, p. 162). É necessário, quando possível, abandonar a dimensão do conhecer para viver a experiência, por meio de um trabalho artesanal. Essa atitude fazia com que eu me sentisse exposta e sem nenhuma proteção. Eu percebia que minha “personalidade” entrava em jogo – não neutralidade. Abandonar a teoria para viver a sessão, a dois, não é tarefa fácil, pois cria-se uma tensão. Minha neutralidade estava conectada a um estado de mente aberto – sem memória, sem desejo e sem compreensão (Bion, 1965/2004).

### Algumas considerações finais

O que se vive na análise? Uma pergunta um tanto ou quanto desafiadora. Alguns poderiam responder “um trabalho analítico”; outros iriam dizer “transferência /contratransferência”, ou “a experiência emocional e os postulados teóricos psicanalíticos”. Enfim, seriam muitas possibilidades de respostas. Penso que não seja apenas de uma arquitetura organizada pelo analista, nem pela instituição SBPSP, nem pela IPA, e sim uma construída a dois, uma criação conjunta, um tocar piano a quatro mãos. Em uma de nossas sessões, Sílvia (analisanda) relatou uma experiência profunda que nos ajuda a pensar sobre o questionamento inicial deste parágrafo: *Hoje quando estava indo de carro para a sessão, fiquei pensando em você (analista), não sei como você (analista) faz isso... e isso está mais frequente... não sei explicar, mas sei que vivo algo profundo... (Silvia/analisanda)*. Recorro às palavras de Cecil Rezze para me ajudar a pensar

sobre a pergunta, pois, em sua experiência clínica, os analisandos buscam um trabalho analítico para lidarem com dimensões que vão além da dor; seria uma vivência de encantamento e de satisfação em que a realização experimentada via “prazer autêntico” transforma a pré-concepção em concepção (Rezze, 2021, p. 285).

Estar ao lado de Sílvia, escutando-a, mergulhando em suas emoções, vivendo as turbulências, “comer bola” e “pisar na bola”, comunicar e não comunicar são experiências que acontecem dentro do setting e não cabem em uma descrição, porém, são ricas de aprendizados. O que torna tudo isso possível? Penso ser a minha presença viva e a minha disponibilidade para receber aquilo que emana do inconsciente no *Com-tato* com a analisanda, no campo “entre” -a-dupla. Também é da minha responsabilidade: administrar o trabalho analítico do ponto de vista assimétrico, conseguindo captar o “O” da dupla, intuir, sonhar o que ainda não tem representatividade e, após a digestão, devolver, à analisanda, aspectos de uma dimensão essencialmente não-verbal, ou pré-verbal, da psique captada por mim (analista), a cada encontro analítico. Do ponto de vista simétrico, estar lado-a-lado, em uma vivência at-one-ment. Finalizo com uma frase, de Antoine de Saint-Exupéry (1942/2015, p. 72), da obra *O pequeno príncipe*, que me toca, profundamente: “O essencial é invisível aos olhos”.

#### El diván: un vivero para la identidad analítica, alimentado por el viaje emocional del analista

**Resumen:** Este trabajo buscó, a través de una autoinvestigación, escrutar la construcción de la identidad del analista en formación, la cual se constituye en el ambiente privado e íntimo – en el diván de su propio analista. Es fructífero pensar en las responsabilidades y la ética que rodean la práctica psicoanalítica teniendo como punto de partida el trípode de la formación: análisis didáctico, seminarios teóricos/clínicos y supervisión didáctica.

**Palabras clave:** Bion, psicoanálisis, formación psicoanalítica, historia del psicoanálisis, trípode

**The couch: a nursery for analytic identity, nurtured by the analyst's emotional journey**

**Abstract:** This work sought, through a self-investigation, to scrutinize the construction of the identity of the analyst in training, which is constituted in the private and intimate environment – on the couch of their own analyst.

It is fruitful to think about the responsibilities and ethics that surround psychoanalytic practice, starting from the tripod of formation: didactic analysis, theoretical/clinical seminars, and didactic supervision.

**Keywords:** Bion, psychoanalysis, psychoanalytic training, history of psychoanalysis, tripod

**Le divan : un berceau pour l'identité analytique, nourri par le voyage émotionnel de l'analyste**

**Résumé :** Ce travail a cherché, à travers une auto-investigation, à examiner la construction de l'identité de l'analyste en formation, qui se constitue dans un environnement privé et intime – sur le divan de son propre analyste. Il est fructueux de penser aux responsabilités et à l'éthique qui entourent la pratique psychanalytique en partant du tripode de la formation : analyse didactique, séminaires théoriques/cliniques et supervision didactique.

**Mots-clés :** Bion, psychanalyse, formation psychanalytique, histoire de la psychanalyse, tripode

## Referências

- Arruda, I. V. de (2019). A arte de fingir a dor: o que diz o poema “Autopsicografia” sobre quem somos como humanos. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 19(3), 93-98.
- Assis, M. B. A. C. (2023). “O isso no eu: parangolés na cena analítica”. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise, 29, Campinas, SP.
- Bíblia Sagrada (s.d.). Gênesis, 1:27; 2:24-25. *Nova Almeida atualizada* (J. F. de Almeida, Trad.). [https://www.bibliaon.com/versiculo/genesis\\_2\\_24-25/](https://www.bibliaon.com/versiculo/genesis_2_24-25/).
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-36. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad., 2º ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad., 2ª ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2021). *O aprender da experiência* (E. H. Sandler, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)

- Braga, J. C. (2024). Transformações: uma perspectiva clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 58(3), 171-190.
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Blucher.
- Franco Filho, O. de M. (2018). Afinal, o que é experiência emocional? (Ou uma pergunta que eu gostaria de ter feito a Bion). In P. C. Sandler; A. Sapienza & O. de M. Franco Filho (Orgs.), *Inquietações - serenidade: efeito a longo prazo das contribuições de Bion* (pp. 457-473). Blucher.
- Freud, S. (2010a). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*), relatado em autobiografia (o caso Schreber). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 13-107). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010b). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 147-162). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”, 1909). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 9, pp. 13-112). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 17, pp. 124-230). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Gabbard, G. O. & Ogden, T. H. (2009). On becoming a psychoanalyst. *The International Journal of Psychoanalysis*, 90(2), 311-327.
- Klein, M. (2023). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros ensaios: 1946-1963* (Vol. 2, pp. 19-49). Ubu. (Trabalho original publicado em 1946)
- Lispector, C. (2020). Água viva. Rocco.
- Meltzer, D. (2017). *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos* (M. S. Martins, Trad.). Blucher.
- Morin, E. (1993). *Meus demônios*. Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina.
- Morin, E. (2008). *Ciência com consciência* (M. D. Alexandre & M. A. S. Dória, Trad.). Bertrand Brasil.
- Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano* (T. M. Zalcberg, Trad.). Escuta.
- Pessoa, F. (2007). Autopsicografia. In F. Pessoa, *Cancioneiro*. L&PM.

Patricia dos Santos Coppola

- Petraglia, I. (2021). Edgar Morin e os saberes não curriculares. *Educação*, 278. <https://revistaeducacao.com.br/2021/08/17/edgar-morin-saberes-nao-curriculares/>.
- Power, D. G. (2021). Caminhos para o ser-um-com-o-outro: estar dentro, receptividade e reverie (M. V. Stabile & J. C. Braga, Trads.). Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion, Milão.
- Rezze, C. J. (2021). *Psicanálise: de Bion ao prazer autêntico*. Blucher.
- Rezze, C. J.; Marra, E. de S. & Petricciani, M. (Orgs.) (2012). *Afinal, o que é experiência emocional em psicanálise?* Primavera.
- Saint-Exupéry, A. (2015). *O pequeno príncipe*. Ciranda Cultural. (Trabalho original publicado em 1942)
- Scappaticci, A. L. S. (2018). A autobiografia de Wilfred Bion: psicanálise, uma atividade autobiográfica. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 229-242.
- Vermote, R. (2019). *Reading Bion*. Routledge.

Patricia dos Santos Coppola  
pcoppola.p18@gmail.com

Recebido em: 26/2/2025

ACEITO EM: 14/4/2025

DOI: 10.5935/0103-5835.v58n108.06